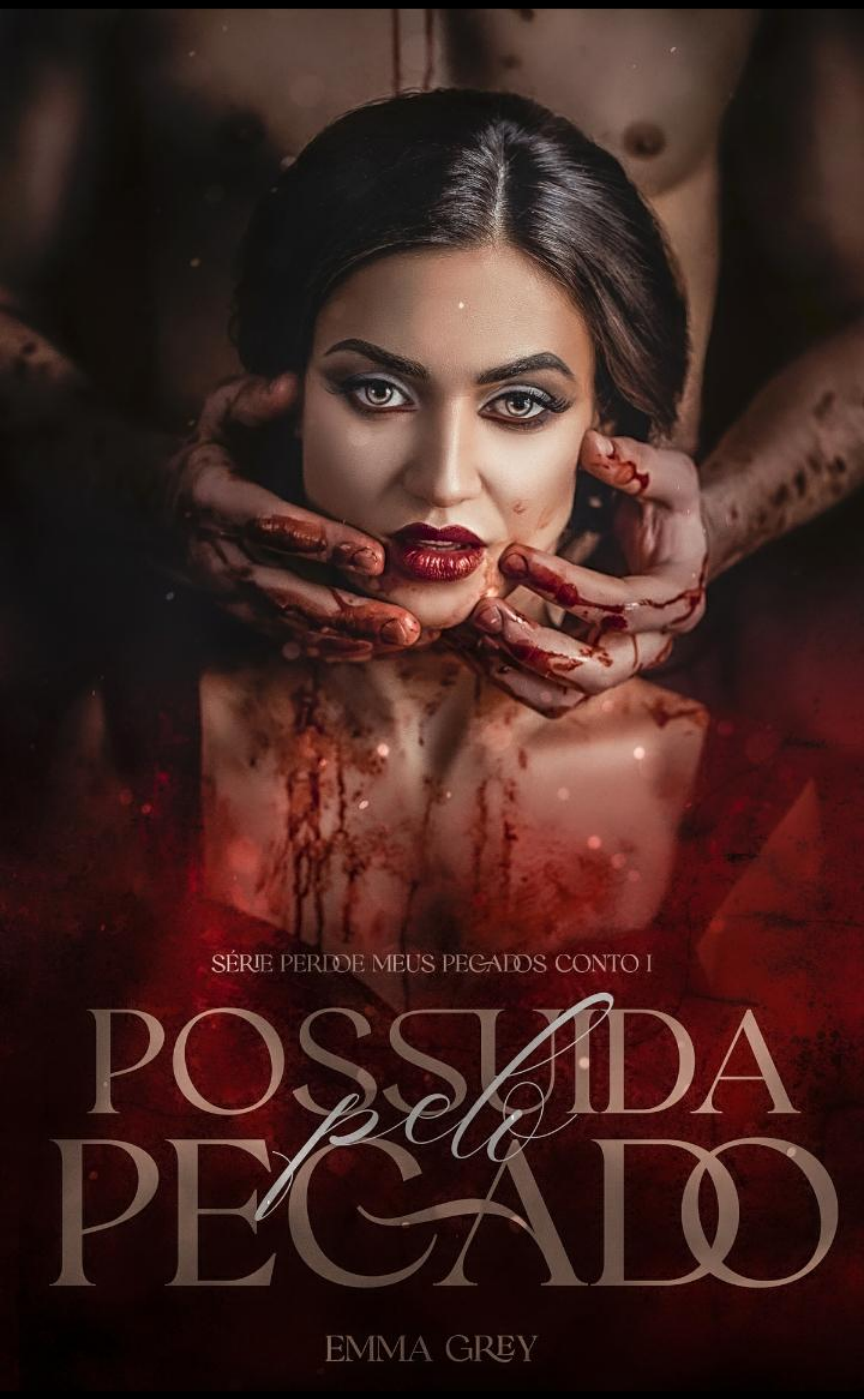

SÉRIE PERDOE MEUS PECADOS CONTO I
POSSUÍDA
pelo
PECADO
EMMA GREY




Aprendendo velocidade de lei... 0%

**Possuída Pelo Pecado**
**Direitos Autorais © 2023 Emma Grey**

Todos os direitos reservados
É estritamente proibido a reprodução e/ou armazenamento dessa obra, parcial ou completa através de qualquer meio sem o consentimento por escrito da autora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Certos locais poderão existir, mas os eventos são fictícios.

**Diagramação**: Manu Marinho
**Revisão:** Ana Laura Ritter Brito
**Betagem**: Izabelly Psendziuk
**Capa:** Alice Prince
**Ilustração**: AYink

# SUMÁRIO

Nota da autora
Prefácio
Prólogo
ATO I
ATO II
ATO III
Agradecimentos

*“Não te apresses no teu espírito a irar-te, porque a ira abriga-se no seio dos tolos.”*

*Eclesiastes 7:9*

# NOTA DA AUTORA

Escrever é sempre um desafio para mim. Eu tenho ideias, tenho desejos e tenho personagens perturbados que estão doidos para vir à tona (sim, os bebês De La Cruz). Mas ainda não é o momento de vocês conhecerem eles.

Esse é o primeiro de sete contos em torno da família e negócios dos De La Cruz. Cada conto é inspirado em um dos sete pecados capitais, que vocês descobrirão enquanto leem.
Espero que você se delicie, se surpreenda e que odeie o fato de querer mais desse mundo perverso e obscuro que estou criando.

Preciso te lembrar que esse é um conto com nuances do romance dark, ou seja, aqui teremos personagens imorais, antiéticos e que foram esquecidos pela sociedade.

***Aviso de gatilho**:* Tentativa de suicídio, violência gráfica, infanticídio e sexo explícito.
Prossiga por sua conta e risco!

Para corpos sem almas,
que você encontre a sua nesse limbo
chamado mundo

# PREFÁCIO

São Tomás defendia que a punição eterna era apropriada a alguém que aqui na terra rejeitasse o seu Deus, ele também acreditava na ideia de limbo para onde ia os recém nascidos pois eles eram manchados pelo pecado original, mas não sofria o mesmo que os pecadores.

Na noite de sexta feira santa, Dante Alighieri adentrou aos portões do inferno e os apresentou como um interior emborcado no interior da terra, que a cada nível que se desce se conhece as punições de pecados cada vez mais hediondos.

Os pecados da luxúria, raiva, soberba, preguiça, inveja, gula e avareza podem levar a alma humana ao seu maior ato de perversão. E na terra, os portões do inferno eram a de uma antiga catedral que fora tombada por uma família importante na Colômbia. Quem ali entrava puro, jamais saía da mesma maneira. Erguida acima de ruínas onde uma hora teria sido um local sagrado, La Catedral, era onde tudo de ruim, desumano e cruel poderia existir e sair das mãos da família De La Cruz.

Mas essa história, ainda não é sobre eles.

# PRÓLOGO

De La Cruz, caminhou até o corpo quase desfalecido da criatura jogada no chão. Magro, trêmulo e cheio de marcas que visivelmente mostravam que aquela vida não era a melhor que desfrutava. Uma puta, dentro de La Catedral, não era bem tratada. Ela era escória, e um dos pilares para fazer os diversos negócios ali dentro funcionarem.

A lingerie da meretriz estava coberta de sangue e os pulsos estavam cortados na vertical, indicando que a tentativa de suicídio era verídica. O senhor De La Cruz odiava lidar com essa sujeira, mas quando coisas assim aconteciam dentro de La Catedral, ele *gostava* de assistir até onde o desespero dessas almas sedentas por redenção poderia chegar.

— Tão inútil...Não serve nem para se matar. — comentou. Abaixando próximo ao rosto dela, a correntinha com o pingente de cruz que carregava no pescoço balançou rente a bochecha da puta, a voz profunda de De La Cruz reverbou no ambiente. — O quão fodida você é para acreditar que poderia se matar dentro do que é meu?

O corpo frágil tremeu ainda mais, agora de medo, seus olhos se arregalaram quando ele levantou e pisou em seu pescoço. Aquilo deixaria uma marca. De La Cruz não iria matá-la, mas qualquer movimento dele, significava

que as outras saberiam seu destino. Seus olhos ainda estavam arregalados, tamanha força era o aperto que a bota fazia, ela encarou o homem acima de si que devolvia um olhar de escárnio.

— Você foi uma mercadoria cara, *niña*, então não tente jogar fora meus brinquedos. — Se afastou com um sorriso perverso no rosto. A puta ainda estirada no chão, sem conseguir mover os braços, tossiu com força tentando respirar. Sua dificuldade era deprimente de assistir.

A mulher ruiva que estava ao seu lado, encarava o corpo no chão da mesma maneira que o senhor De La Cruz. Ela era uma pessoa importante ali dentro, e braço direito dele. Boatos corriam por entre as paredes de La Catedral que os dois eram mais do que parceiros de negócios, mas isso ninguém ousaria perguntar.

— Essas putas acreditam mesmo que vão ser salvas por homens iguais aos que vem aqui? — ela sorriu e olhou na direção do capataz — Limpe essa sujeira, Ramirez. Os negócios não podem parar por causa desse showzinho.

Caminhando em direção à prostituta jogada no chão, Ramirez agradeceu não saber seu nome. Ter essa informação seria humanizar e conhecer sua história seria sentir empatia. E ele sabia que nenhum desses sentimentos eram bem-vindos dentro de La Catedral.



*"Eu vou te levar de volta para a Igreja*
*Bem, faça suas confissões, querida, qual é a pior?*
*Batizando nas suas coxas até doer*
*Porque vou te levar de volta para a Igreja"*
Church - Chase Atlantic

Encarei a figura pálida e magra através de um espelho rodeado de lâmpadas brancas. Ela me analisava escondida embaixo de uma maquiagem forte, uma lingerie em tons brancos e um espartilho que quase a impedia de respirar. Ela estava bonita. Nós estávamos bonitas, mas quebradas e infelizes por dentro — *em todos os sentidos.* — Eu era o que os homens procuravam aqui dentro para se aliviar, para comemorar, depois de um dia estressante no trabalho, ou depois que suas esposas não se portavam como uma puta na cama como um dia foram.

Ximena gritou meu nome, era quase meia noite e eu precisava me apressar para subir novamente em cima do palco e rebolar até um cliente novo aparecer, ou os da casa solicitarem por mim. Eu rezava pelos ricos, os que tinham tanto dinheiro, que o que fosse gasto aqui, não faria diferença em suas contas bancárias.

Eu trabalhava desde os 16 anos dentro dos muros dessa prisão para pagar uma dívida absurda, fruto do que meu pai roubou da família De La Cruz. Aos 18 anos, limpar mesas não era o suficiente. Arrependo-me amargamente do momento em que decidi que vender meu corpo era a melhor saída, a verdade, era que não havia saída alguma e provavelmente essa dívida nunca seria paga.

Caminhei em direção ao palco principal, já haviam outras garotas em pole dances embaladas por alguma música sensual. Me assustei quando vi as paredes desse lugar pela primeira

vez, era considerado um templo sagrado, mas agora, era a ruína dos pecados de quem ali passava. Minha mãe me contava histórias sobre como essa Catedral um dia foi bonita e cheia de pessoas em busca de salvação, hoje, La Catedral estava soerguida através da profanação de cada um dos que ali entravam.

Era um lugar bonito, me lembrava dos castelos de desenhos que assistia quando criança. O teto era alto e com pinturas renascentistas, lençóis vermelhos suspensos entregavam sensualidade junto com luzes baixas e amareladas misturadas com o vermelho neon. As paredes ao lado das portas da entrada eram cheias de prateleiras com bebidas, em frente haviam balcões onde ficavam os *bartenders*. De longe, avistei um dos irmãos De La Cruz se divertindo, — *eles são lindos, como anjos caídos* — e eu tinha que me esforçar quando fitava aqueles rostos, eles não eram os mocinhos da minha história.

Homens poderosos estavam espalhados pelo salão acompanhados de meninas com idades para serem suas filhas, esfregando seus corpos nos deles, ao mesmo tempo, diversos casais faziam sexo, embalados pela luz vermelha e música sensual. Era uma vista infernal, era a minha visão todos os dias. Subi no palco, respirei fundo e coloquei o melhor sorriso que pude. Fui transportando meu olhar curioso pelo salão. Enquanto movimentava o corpo, passava a mão pelos peitos e esfregava minha boceta por cima da calcinha. Com a outra mão, segurava a barra do pole dance, que me apoiava para continuar rebolando. Passeando com

os olhos pelos clientes, parei em um homem que me encarava intensamente sob a iluminação baixa no fim do palco. Ele estava sozinho e era bonito, *muito bonito.*

Comecei a dançar para ele rebolando da forma que havia aprendido com as outras. Virei de costas e abri lentamente o espartilho, enquanto descia pela barra do pole, o joguei para o lado e virei de frente, me colocando de quatro e engatinhando até ele como uma gata com o rabo empinado, os fios escuros do meu cabelo, aos poucos, chegavam até meu rosto.

O moreno me deu um sorriso sacana, tombou a cabeça para o lado me analisando mais profundamente. Fiquei de joelhos enquanto passava a mão pelo corpo e rebolava o quadril para frente. Finalmente o encarei, e por alguns segundos, vacilei me aproximando. Um arrepio na pele me alertava do perigo, e mesmo quando todos os pelos do meu corpo confirmavam o sinal, eu continuei.

Eu já havia recebido muitos olhares de desejo, mas nunca um que me roubasse o fôlego. Senti o aperto, minha boceta ansiando por aquilo como nunca. Ele não era diferente dos outros que vinham aqui, mas tinha uma faísca que me fazia querer aquilo de qualquer maneira. Era puro desejo, um que nunca havia sentido antes. Os olhos claros examinavam meu corpo de forma exagerada.

Fiquei de pé sensualizando em sua direção, virei de costas dando uma visão espetacular da minha bunda e rebolei até meu lugar na

barra de pole dance. Voltei a encará-lo e uma pontada de decepção me invadiu. Uma mulher estava em seu pescoço, esfregando-se em seu corpo, mas os olhos dele continuavam fixos em mim. O moreno sussurrou no ouvido da puta que não lembro o nome, e ela prontamente ficou de joelhos na sua frente. De cima do palco, eu tinha a visão perfeita do que aconteceria, e pude acompanhar quando ela abriu o botão e o zíper da calça lentamente e enfiou o pau duro na boca. Elevei os olhos na sua direção e ele continuava me fitando, dessa vez com a boca entreaberta. Continuei dançando e me esfregando na barra do pole enquanto seus olhos estavam presos aos meus — *Porra, aquilo estava acabando comigo.*

Sua mão agarrou os cabelos da mulher e com força pressionou o rosto dela defronte ao quadril, fodendo violentamente sua boca. Passados alguns segundos, ele arrancou a loira de cima do seu pau, posicionou as mãos dela na beirada do palco, e, com ela de costas, penetrou com o pau encapado. Sob as luzes vermelhas das paredes da Catedral, ele ainda me encarava, e eu esquecia completamente que tínhamos audiência. Por um momento, ignorei que tinha uma vida de merda e foquei nos sinais que meu corpo emitia vendo aquele homem, que não tirava os olhos dos meus, comer com violência a puta na sua frente. Descendo a mão pelo meu corpo no ritmo da música, cheguei na virilha e prontamente fui apertar minha boceta por cima da calcinha, que ansiava e latejava para estar no lugar daquela mulher. Eu não sabia quem ele era, e não

imaginava o quão poderoso poderia ser. Aqui, ninguém se preocupava com o outro, apenas com o próprio prazer e em como poderia saciar seus desejos e fetiches.

O homem saiu de dentro dela e trouxe seu rosto para perto, sussurrou algo em seu ouvido e a mandou para longe. Seu pau era grande e ainda pulsava quando ele o guardou dentro da calça. Em questão de segundos, ele se retirou da frente do palco e caminhou para fora da minha visão. Respirando de forma ofegante depois de acompanhar aquela cena, tentava entender meus próprios desejos. Dancei mais algumas músicas para a plateia ocupada com os próprios prazeres e desci para trocar de lugar com a loira que há poucos minutos era fodida pelo alvo do meu tesão.

Caminhei pelo salão em busca de alguém que pudesse gastar até o que não possuía, e assim, tentar diminuir a dívida que enrolava meu pescoço como uma corda pronta para me enforcar. Ximena chegou ao meu lado, discreta.

— Tem um cliente novo à sua espera. — comentou. Passei a mão pelos cabelos, forçando um sorriso agradável. — Acho que vai se dar bem hoje. Quarto 6.

Olhei-a intrigada pelo comentário. Eu era uma puta, eu só me daria bem quando saísse pelas portas desse lugar. Andei até a retaguarda do palco central, onde haviam corredores com quartos equipados para desfrutar dos desejos e fetiches mais insanos. Ao abrir a porta, meu corpo travou ao encontrar o homem que me

assistia dançar minutos atrás. Ele estava sentado na ponta da cama, sem o terno. A luz do quarto era baixa, mas eu conseguia olhar perfeitamente para cada traço do seu rosto. A camisa branca estava com os botões abertos e as mangas enroladas até o cotovelo, o cabelo era raspado, combinando com a barba rala que enfeitava o maxilar quadrado. Ele tinha um sorriso lindo e olhos azuis com uma curiosidade genuína quando me olhava.

Sabendo que aquilo poderia incomodar, abaixei os olhos para os meus pés e esperei por sua voz. A maioria dos homens que vinham aqui, queriam desfrutar de seus prazeres mais obscuros, afinal, eu estava sendo paga para isso.

— Olhe para mim! — sua voz saiu rouca. Era gostoso de ouvir, assim como ele era bom de olhar. Voltei os olhos para ele. — Ajoelhe-se.

Caminhei até onde estava sentado e fiquei de joelhos. Ele estava poucos centímetros mais alto. O homem emanava algo impossível de explicar. Seu cheiro era bom, parecia ter saído do banho há poucos minutos.

— Tire minha camisa. — Devagar, abaixei a camisa por seus ombros, passando as mãos pelo corpo atlético que ele provavelmente dedicava horas na academia para manter. Sua mão pousou em meu rosto, obrigando-me a encará-lo. — Quero ver meu pau na sua boca.

Abri o botão da calça e tirei seu pau de dentro da cueca, era enorme e grosso. Aquilo faria um estrago dentro de mim, e pela primeira vez desejei por isso. Desci a boca por sua extensão e

enrolei a língua ao redor da glande enquanto o chupava, minha mão descia junto com o movimento que a minha boca fazia. O homem gemia alto pedindo por mais. Arqueei a cabeça até sentir seu pau bater no fundo da minha garganta.

— Porra! — exclamou. Segurou meu cabelo e começou a foder minha boca em movimentos brutos e rápidos. Meus olhos ficaram turvos com as lágrimas se formando, e com a pressão com que metia na minha boca, eu sufocava cada vez mais. Ele tirou antes de gozar e segurou meu rosto passando os polegares na minha boca. — Que boca gostosa.

Seus dedos arranhavam meus lábios e subiram até meus olhos, limpando as lágrimas que haviam escapado. O homem me puxou pela mão e me jogou em cima da cama. Não tirou o resto da roupa, apenas colocou a camisinha e abriu minhas pernas se posicionando entre elas. Se abaixou e ficou com rosto próximo ao meu. Seu pau invadiu minha boceta lentamente. Fechei os olhos ansiando por seus beijos, que nunca chegaram, e experimentando a sensação de ser totalmente preenchida. O homem se levantou e colocou minhas pernas em cima de seus ombros e meteu o mais fundo que conseguia. Eu me contorcia em busca de aplacar o ardor do seu pau que me rasgava por dentro a cada investida contra minha boceta. Sua mão foi em meu clitóris e fiquei entorpecida.

— Eu quero ver você gozando. Abra os olhos! — Perdida em desejo, abri os olhos e o encarei,

aquilo era o que eu precisava para gozar forte. Ele investia com tanta violência e rapidez que gozamos juntos. Saindo de dentro de mim, se deitou ao meu lado e suspirou pesadamente.

— Você fode tão bem quanto dança.— Se virou pra me encarar com um sorriso sacana. — Me chamo Miguel.

— Edén.

— Esse não é seu nome verdadeiro. — Abri um sorriso genuíno. É claro que não era meu nome verdadeiro. Todas usavam um nome fantasia.

— Você precisa merecer algumas informações. Não estamos nesse momento ainda. — Miguel concordou animado.



— Verei o que posso fazer para conseguir tais informações.

As próximas semanas seguiram rotineiras, Miguel aparecia e me observava dançar, ao final da noite sempre nos encontrávamos no mesmo quarto. Ximena, avisou que por causa dos encontros eu estava rendendo muito dinheiro, mas não o suficiente. — *Nunca seria o suficiente.* — Miguel falava pouco sobre ele, nossos encontros eram regados pelo sexo bruto que corroía meu corpo. Nos dias em que ele não aparecia, eu me deitava com outros ho-

mens, variava entre clientes novos e os fiéis à La Catedral. Hoje era o dia de Miguel, esperava ansiosamente pela sua chegada, usava uma lingerie preta com um vestido curto transparente por cima. Em dias assim, eu já ficava esperando no quarto a pedido seu.

Miguel entrou no quarto usando roupas azuis escuras, seus ombros estavam tensos e seu humor não estava bom. Diferente das outras vezes, ele parecia estressado.

— Tudo bem? — perguntei cautelosa.

— Tire a roupa e fique de quatro em cima da cama. — Suspirei e fiz o que mandou. Percebi que tirou sua roupa com rapidez. Se posicionou atrás de mim, e seu pau procurou espaço dentro da minha boceta. Entrando sem aviso, gritei e tremi em seus braços, as lágrimas saíram descontroladamente dos meus olhos. Ele não se moveu, sua mão foi em direção do meu clitóris e começou a massagear o ponto que latejava. Seu corpo se curvou e sua boca se aproximou do meu ouvido.

— Estava com saudades de estar dentro de você. — Como se tivesse dito as palavrinhas mágicas, meu corpo reconheceu o seu toque e eu comecei a relaxar com seus dedos massageando meu ponto sensível. Miguel arqueou o corpo e apoiou as mãos na minha cintura, meteu em mim com movimentos curtos e profundos. Uma de suas mãos enrolou meus cabelos e puxou minha cabeça para trás, ao mesmo tempo que aumentava o ritmo com o quadril.

Soltou-me e tirou seu pau de dentro da minha boceta, me fazendo arfar.

Empinei mais o corpo em sua direção, suas mãos alisavam a carne da minha bunda, abrindo-a e apertando com força. Levando a lubrificação da minha boceta até o meu cu, colocou o dedo lentamente.

— Preciso comer seu cu, Edén! — Miguel posicionou o pau no meio da minha bunda e deslizou pra dentro, respirei profundamente, sentindo a investida lenta, me rasgando por dentro. — Porra, a única coisa que eu preciso é me enterrar dentro de você.

A mão de Miguel apertou meu pescoço, ele acomodou o quadril e começou a socar com toda a força que tinha. Meu cu se expandiu para recebê-lo. Miguel gemia no meu ouvido, dizendo o quanto aquilo significava pra ele e o quanto precisava de mim depois de um dia merda. Minha mão correu por toda a boceta buscando e massageando o ponto inchado, enquanto acompanhava as estocadas de Miguel no meu cu.

— Eu vou encher seu cu de porra, garota. Eu quero ver escorrendo de dentro de você. — A voz rouca demonstrava sua excitação.

Esfreguei com mais força meu clitóris enquanto buscava o atrito dos nossos corpos. Miguel gozou com estocadas violentas contra minha bunda, acompanhando suas investidas, gozei logo em seguida. Deitei de costas enquanto ele saía de dentro de mim. Ele abriu minhas pernas e acompanhou a porra escor-

rendo no meu cu. Melou seu dedo passando por cima do buraco e empurrando seu gozo pra dentro da minha bunda.

Miguel sorriu satisfeito com o que tinha feito. Deitou-se com as pernas sobre meu corpo, a mão percorrendo carícias nas minhas costas, esperando nossas respirações se acalmarem.

— Oi! — retirou o cabelo do meu rosto e sem que eu estivesse esperando, finalmente me deu um beijo demorado na boca. Sorri para ele, um sorriso genuíno. Eu sempre esperava por um fim diferente, e hoje, ele me deu isso.



— Você não pensa em ir embora dessa vida? — Miguel perguntou, afagando meu cabelo após o sexo violento. Suspiro pesadamente. Estamos há quase um ano com esses encontros. Ele me enche de porra e de promessas, e eu finjo não acreditar. Não é a primeira vez que me questionava sobre esse assunto.

— Eu não conheço o mundo fora dessas paredes, Miguel. — E não tenho ideia para onde ir, penso, mas não respondo.

— Mas você nunca pensou na possibilidade, *ninã*?

— Eu não tenho muitas possibilidades. — Sorrio para ele sem graça, enquanto sinto sua mão nas minhas costas. Diferente das outras vezes, Miguel conversou mais comigo e me contou sobre sua vida. Dizia ser um homem importante. Contou que havia perdido sua esposa

para o câncer e que não tinha filhos. Aos 39, vinte anos mais velho que eu, ele era diretor financeiro de uma empresa famosa de artigos esportivos. Falava que a solidão era sua companheira, mas poderia estar inventando cada uma daquelas informações como os outros faziam.

Olhando em seus olhos eu acreditava, Deus, como eu acreditava em cada palavra dele.

Enquanto esperava por ele, nas semanas seguintes aos próximos meses, percebi que se ele me convidasse para fugir, eu iria sem pensar duas vezes, mesmo sabendo das consequências de ser pega. E quando ele fantasiava sobre uma vida ao meu lado, e o que ele faria comigo, eu descobri que estava me perdendo. Não devemos nos deixar envolver com os clientes dessa maneira. Eles buscam somente um alento rápido e em seguida vão embora. O problema é que Miguel ficava. Ele escolhia ficar, mesmo após se saciar e me deixar satisfeita. E a cada dia que passava, mais doía entender os sentimentos que eu vinha sentindo por ele
.




"Ah, e meu bem, eu estou lutando
contra o fogo
Só para chegar perto de você
Nós podemos queimar alguma
coisa, meu bem?
E eu corro por milhas só para
conseguir um gosto
Deve ser amor no cérebro"
Love On The Brain – Rihanna

Ximena e eu, estávamos no camarim, sentadas em frente ao espelho de moldura branca e grandes lâmpadas, ela me olhava com pena depois que contei sobre como Miguel era diferente dos outros. Eu me recusava a desacreditar no que tínhamos. Eu confiava em cada palavra que saía de sua boca.

— Edén, quem nunca teve nada na vida, se apaixona por migalhas sem perceber. — comentou e voltou para sua maquiagem. Assim como todas nós, Ximena não queria fazer parte disso. A verdade é que nenhuma garota acorda e pensa: "Oh, como seria bom me tornar prostituta e dormir com homens que têm idade para ser meu avô".

— Não sinto que ele esteja me dando migalhas.

— Você é uma puta, garota, ele te come quando não encontra nada melhor! Você está sendo uma vadia burra.

— Foda-se, Ximena! — resmunguei. — Você só está assim porque não tem ninguém.

— Garota, somos todas sozinhas. Se você tivesse alguém, não estaria presa dentro de La Catedral. Não pense que sou uma idiota e não conheço a porra da vida lá fora.

Olhei meu reflexo no espelho, a garota bonita que me encarava queria seu final feliz, mesmo vivendo nesse inferno. Eu confiava muito em Miguel, ele não me dava indícios de que não era confiável.



Nessa noite, eu esperei por ele no quarto 6, como sempre fazia. Pelas noites seguintes, fui aceitando lentamente que Ximena talvez estivesse certa, já que ele não apareceu mais. E mais uma vez, doeu pra caralho saber que eu poderia estar sendo enganada por alguém que tinha derrubado algumas barreiras.

A música sensual embalava meu corpo pela barra do pole dance. Enquanto passava a mão por entre os seios, sentia os olhares queimarem sobre mim. Levantei o olhar e os olhos dele encontraram os meus. O maxilar estava rijo, seus olhos me analisavam friamente enquanto eu dançava em cima do palco. Vacilei em pensamento. *Ele tinha voltado.* As borboletas na minha barriga se animaram e ganharam vida, mas *tinha* que me lembrar que estava magoada por ele ter me esquecido durante tantos dias.

Miguel sumiu da minha visão, e quando desci do palco, recebi a informação de que ele me esperava no quarto que costumávamos usar. Caminhei até lá hesitante. Eu não sabia o que me esperava, e também sabia que não deveria me decepcionar com aquilo. Miguel era um cliente, depositei muita esperança em uma relação que nutria sozinha.

— Oi. — disse quando entrei no quarto. Miguel estava sentado na cama e se levantou assim que fechei a porta. Suas mãos foram de encontro ao meu rosto me beijando vorazmente. Pela primeira vez, sua língua invadiu e explorou minha boca com vontade. Retribuí o beijo depressa. Sentia saudades dele, do seu corpo, e do toque da sua mão na minha pele.

— Me perdoe, por favor! — pediu com a voz baixa. Apoiou sua testa na minha e suspirou profundamente. — Aconteceram tantas coisas! Não consegui passar aqui para ver ou falar com você.

Encarei seus olhos brilhantes. Mais uma vez, acreditei em suas palavras e aceitei seu toque. Miguel desceu beijando meu pescoço e clavícula, como se me venerasse e soubesse que eu amava aquilo, me deitou na cama e tirou meu sutiã. Eu amava a forma como ele me fazia sentir melhor do que qualquer outra coisa.

Desceu minha calcinha suavemente por entre minhas pernas e depositou beijos intensos e molhados por minha boceta e no meio das minhas coxas. Seus dedos me invadiram sem pedir licença e arfei com a intromissão. Sua boca buscava meu clítoris. Me chupava com desejo, ao mesmo tempo em que seus dedos me fodiam. Miguel retirou os dedos embebidos do meu líquido quente e os levou até minha boca, me fazendo provar do meu próprio gosto.

Ele se levantou, tirou toda sua roupa e se posicionou sobre mim, pressionando seu pau con-

tra minha boceta. O corpo malhado e firme, me deixava excitada.

— Eu quero fazer *amor* com você. — disse entrando lentamente na minha boceta molhada, que se alargava para recebê-lo. Por alguns segundos meu mundo parou, e naquele momento, eu queria viver essa cena para sempre.

Enquanto pressionava o quadril contra meu corpo, Miguel me beijava com vontade e saudade, seus olhos encaravam os meus e seu pau entrava mais fundo na minha boceta. *Eu estava fazendo amor*. Eu estava fazendo amor com o homem que eu queria entregar meu coração e minha alma. Nossos olhos estavam fixos e eu tinha certeza que ele conseguia enxergar o quanto eu estava entregue para ele e para aquele momento.

Miguel beijou novamente meu pescoço e meus peitos, sua mão pesada continuava me venerando com carícias. As investidas aumentaram e sua mão percorreu meu corpo até chegar ao meu clitóris, massageando intensamente e me levando ao clímax com seu pau ainda dentro de mim. Segundos depois, com um gemido gutural, Miguel gozou, me encharcando de porra. Mais do que uma certeza, *eu sabia* que ele me queria como sua.

— Venha embora comigo? — pediu, deitando-se ao meu lado. Sorri com dificuldade de respirar e descrença. — Eu preciso ter você comigo, gosto de quem eu sou quando estou com você, Edén.

— Maria Angel. — Sussurrei, tímida. Era a primeira vez que eu revelava meu nome para algum cliente. Eu era um amontoado de primeiras vezes com ele. Miguel sorriu contente e seus lábios grudaram nos meus, sua língua invadiu minha boca com vontade.

— O nome lhe cai muito bem.

— Minha mãe achava que eu era um anjo, depositou em mim sua felicidade, já que vivia dentro de um casamento ruim. — Miguel passou a mão pelos meus cabelos. A única coisa que eu pensava, era que precisava do seu toque e de seu amor. Esses dias afastados só provaram o quanto nós queríamos viver esse amor.

— Você não respondeu minha pergunta.

— Sim, Miguel. Eu aceito. Mas tenho medo do que pode acontecer comigo, e vou precisar de você mais do que posso pedir.



— Eu vou cuidar de você, meu anjo. Não se preocupe com isso! — Deu-me um beijo na testa e me abraçou. Naquela noite, ficamos juntos até o dia amanhecer. Organizamos o dia, o horário e a forma que eu iria desaparecer sem ninguém perceber. Eu sabia que a minha vida estava em jogo, mas não ligava mais.

Os capangas dos De La Cruz eram espertos e estavam sempre atentos. Entretanto, eles tinham uma troca de turno, e a porta de saída ficava sem ninguém por oito minutos. Durante a semana, mais alguns capangas foram levados para fora da Catedral, e no dia da fuga, os irmãos chamaram quase todos os que nos vigiavam. Provavelmente alguma guerra entre os cartéis devia estar acontecendo para precisarem de tantos homens.

Era madrugada, aproveitei a troca de turnos para correr em direção aos portões. Haviam muitos carros e pessoas lá dentro, não perceberiam minha ausência. Até que se dessem conta, eu estaria longe para me pegarem. Caminhei rumo ao matagal que cercava a entrada de pedras até a Catedral e esperei por ele.

Seis horas. Eu esperei Miguel durante seis horas. Eu estava sem bagagem, com fome e com frio. Disse para Miguel que esperaria do lado de fora, mas ele não deu nenhum sinal de vida. Tinha perdido as esperanças, minha visão estava ficando turva pelas lágrimas, quando ouvi alguém se aproximar. Engoli o choro. Ouvi uma voz, mas não era ele.

— Edén… — Ximena sussurrou. Sendo uma das putas mais antigas, ela tinha regalias, como sair e controlar algumas garotas. Eu, era uma delas. — Eu sei que está aí. Você acha que é a primeira que tenta fugir?

Funguei. Passei a mão pelo rosto limpando as lágrimas que escorriam. Saí do lugar onde havia me escondido e me juntei a ela, que

me encarava aflita. Esperava que Ximena estivesse com raiva, mas ela me olhava de forma cúmplice.

— Olha, garota... Recebi isso. — Ela tirou um papel da bolsa e me entregou. — Ele deixou esse bilhete com o endereço dele. Vá em busca do seu príncipe.

— Como ele te entregou isso? Por que você está me ajudando? — Meu coração apertou e eu senti a felicidade mais genuína dos últimos anos.

— Não importa. Vai atrás dele.

— Como vou fazer isso?

— Isso já é problema seu! Pergunte para alguém ou use seu corpinho pra ter uma carona. Se vira!

Segurei o papel com força e sorri de alegria. — Obrigada, Ximena! Obrigada por me ajudar.

— Você está ciente que para os caras tirarem as mulheres daqui tem um preço a se pagar, certo? E se não for em dinheiro, será de outra maneira.

Olhei para minhas mãos que tremiam enquanto segurava o endereço dele. Eu jamais pediria para ele pagar por minha liberdade, era um preço absurdo. Preferia sofrer toda a humilhação e tortura se fosse pega. Respirei fundo e agradeci silenciosamente por Ximena não falar sobre mim para quem comandava ali.

Depois do aviso, a mulher caminhou de volta para La Catedral e eu fugi. Corri para fora da-

quele lugar e quando cheguei na avenida principal de Medellín, lembrei de quando minha mãe me trazia para restaurantes e me levava na igreja. Eu estava sentindo o sabor da liberdade e era incrível, eu mal podia esperar para chegar até Miguel e viver meu *"felizes para sempre"*.

Pedi informações a todas as pessoas que encontrava pela cidade, não sei quanto tempo durou. Sentia meu estômago doer de fome e os pés estavam dormentes de tanto andar. Quando me dei conta, percebi que finalmente havia chegado em um bairro com casas enormes e pátios lindos e floridos. Eu nunca tinha visto lugares assim pessoalmente. As casas exalavam riqueza.

A casa de Miguel, lembrava as mansões dos filmes de comédia romântica. Ajeitei o cabelo, passei a mão sob o vestido que havia roubado de uma das meninas e toquei a campainha ansiosa.
Eu esperava ser recebida com beijos e que fizéssemos amor no chão da sala, mostrando o quanto estávamos apaixonados um pelo outro. Já tínhamos feito amor, e eu esperava ouvir essa palavra da boca de Miguel novamente.

— Eu atendo! — Ouvi a voz dele e senti as borboletas do meu estômago se agitarem. Miguel abriu a porta com um sorriso enorme no rosto. Sorriso esse que foi sumindo quando me reconheceu. Quando a porta se abriu completamente, não foi o *meu* Miguel que encontrei parado ali. Era seu rosto, seu corpo e esperei

pela expressão de amor que ele me entregava toda vez que me fodia entre as paredes de *La Catedral*.




Sábios homens dizem
apenas os tolos se apaixonam
Mas eu não posso evitar me apaixonar por
você”
Can’t Help Falling in Love - Tommee Profitt &
Brooke

— Que merda... O que diabos você está fazendo aqui? — indagou com raiva. O olhei com confusão pela reação explosiva.

— A fuga é hoje. Você marcou de ir me buscar, e como não conseguiu, deixou um bilhete com seu endereço para que eu viesse te encontrar. E eu vim, meu amor!

Seu olhar exalava ódio. Miguel nunca tinha me olhado dessa maneira, e eu me senti como uma garotinha sendo repreendida pelo pai abusivo. Era como ter voltado aos 14 anos, e estivesse vendo meu pai em cima da minha mãe, humilhando e subjugando ela.

— Amor? Quem era? — uma voz feminina soou longe. Senti uma pontada dolorosa no peito.

— Ninguém importante, *mi amor*. — gritou de volta. — Não se preocupe. Já resolvi!

— *Amor?* Como assim *amor*, Miguel? — Sussurrei. Senti as lágrimas rolarem copiosamente pelo rosto.

— Isso não te interessa! Eu não deixei bilhete algum, muito menos com o endereço da minha casa para que viesse como uma cadela leal atrás de mim. — falou, completamente exaltado.

Eu não sabia como respirar. Meu coração estava se despedaçando, e tudo dentro de mim doía de forma violenta. Ximena me entregou o bilhete apenas para provar que tinha razão. Ela queria que eu visse a verdadeira face de Miguel. Eu não queria acreditar que esse homem,

que me olhava com desprezo e nojo, era o mesmo que há dias fez amor comigo e me prometeu o mundo.

— Eu acreditei em você, Miguel! Eu abri meu coração para você... Deus... Não...

Avancei sobre ele, batendo em seu peito com os punhos fechados. As lágrimas caíam descontroladas e a voz embargada do choro tomava conta de mim. Tentei gritar, mas rapidamente ele tapou minha boca e me empurrou com força. Caí de bunda no chão. Estava desesperada, no fim, eu nunca tive nada.

Ele nunca foi meu, *nunca*.

— Você é uma puta, suja e nojenta. — Sorriu com desprezo. A expressão de Miguel era completamente diferente do que eu normalmente via. — Como você acha que eu iria assumir uma prostituta? Eu sou uma pessoa importante nessa cidade, porra, *eu* tenho valores, *Éden*! Você é uma vadia estúpida e burra que se perdeu na fantasia de ter um relacionamento com um príncipe encantado.

Miguel se abaixou e segurou meu rosto entre os dedos. Me olhou de cima a baixo com escárnio. Empurrou-me mais uma vez no chão e cuspiu em meu rosto. Não tive reação, fiquei completamente em choque. Eu não conhecia o homem à minha frente.

— Eles não existem, anjo. Príncipes encantados *não existem*. Olha para você. É medíocre. — Suspirou e olhou para sua casa. — Como você pensava que isso poderia dar certo? Vá em-

bora, não quero que minha esposa veja *lixo* espalhado pela calçada.

Voltou para dentro da casa e fechou a porta, me deixando como se não tivesse despedaçado meu coração da forma mais cruel que alguém poderia fazer. Em choque, me arrastei para fora da calçada em direção ao jardim e me escondi lá. Chorei em silêncio por horas. Ele tinha destruído algo na minha vida, que eu jamais conseguiria recuperar. Eu sentia uma dor no coração tão intensa que me causava náusea.

Durante algumas horas, escutei eles rindo e conversando alto. Ouvi o choro de uma criança e meu coração afundou ainda mais. Ele tinha uma família, filhos e uma casa para voltar. Ele destruiu minha alma e meu coração com suas promessas. Miguel me humilhou de uma maneira que eu jamais esperava.
Os flashbacks do meu pai violentando minha mãe me assombraram e minha visão escureceu.

Jamais aceitaria o que ele fez comigo. Eu não era como minha mãe, e sabia que tinha os genes podres do meu pai. Me peguei olhando para o céu e pensando no quanto ela havia sido estúpida. Odiava ela por isso, e viver esse inferno, também era por culpa dela.

Eu não era a minha mãe. *Uma vadia fraca.*

Sem pensar muito, enxuguei as lágrimas e esperei atenta até que todas as luzes se apagassem. Quando a última luz foi desligada, esperei por uma hora e segui em direção a parte de trás da casa, consegui entrar pela porta dos

fundos. — Ricos e essa mania incrível de acreditarem que morar em um bairro abastado significa que o perigo não está à espreita.

A casa era perfeita por dentro, era confortável e parecia que uma família grande morava ali. Em silêncio, busquei por uma faca na cozinha, pegando a maior que havia encontrado, caminhei em direção à sala de estar, observando os brinquedos jogados pelo chão e os porta-retratos com fotos de uma família feliz. Miguel e sua esposa modelavam nas fotos em lugares diferentes, em seguida, surgiram várias fotos de uma menininha que lembrava muito ele.

Eu o odiava com todas as minhas forças. Todo sentimento que havia em meu coração se tornou obscuro no maldito momento em que ele proferiu aquelas palavras. Eu jamais seria feliz, então, nada mais justo do que tirar a felicidade dele. Subindo as escadas lentamente, passei a faca pela parede fazendo um som baixinho e estridente. Agradeci pela lua brilhante, a luz baixa que entrava por uma janela, iluminava o necessário para enxergar o caminho.

Chegando em um dos quartos, vi a filha de Miguel dormindo, puxei a porta devagar, e segui pelo corredor até encontrar o quarto do casal. Entrando lá, me espantei ao ver sua mão na barriga enorme e alta da mulher deitada ao lado. Meus olhos ficaram embaçados com as lágrimas que se formavam. Empurrei a porta com cuidado, entrei e em passos lentos fui até seu lado da cama, Miguel dormia profundamente. Ele tinha uma beleza linda. Tão per-

feita que destruiu meu coração e levou o resto de alma que existia dentro de mim.

Levantei a faca acima da minha cabeça, lembrando de todas as suas palavras e de como fez eu me sentir a pessoa mais podre e nojenta da face da terra. Afundei a faca em seu peito com todo o ódio e força que eu podia. Miguel acordou e começou a gritar. Tirei a faca de seu peito e montei sobre ele rapidamente repetindo os movimentos, dessa vez, gritando. Senti seus braços me impedirem e me jogarem para longe. A mulher ao seu lado acordou abruptamente e caiu da cama de barriga no chão, berrando de dor e sem conseguir se levantar. Miguel rolou para fora da cama, com o corpo coberto de sangue e a faca presa em seu peito. Vi que passava a mão pela cômoda ao lado da cama em busca de algo, levantei o olhar e fui em sua direção para saber o que era, sua mão tentava inutilmente me afastar, mas o homem estava tonto e sem forças após as inúmeras facadas. Consegui tatear a cômoda, abrir a primeira gaveta e pegar uma arma que ele guardava ali. Afastei-me gargalhando alto.

— Por favor, Maria. — implorou cuspindo sangue. — Eu faço tudo o que você quiser. Por favor, não machuque elas.

— Você fala como se fosse digno de pena. Acha que é um herói, não é? — gargalhei novamente, segurando firme a arma nas minhas mãos. — Sabia que eu nunca atirei em ninguém? Pois é, cara! Eu vejo os homens em *La Catedral* com aquelas armas carregadas, prontas para atirar e eu fico apavorada. Mas quando

é você quem segura, não é tão assustador assim...

Atirei na perna de Miguel, impedindo de movimentar-se e atrapalhar meus planos. A mulher gritou e aquilo me irritou. Que inferno, essa vadia não calava a boca.

— PARE COM ISSO. Você está surtando? — Miguel gritou.

Passei a mão pelo rosto e arrumei o cabelo.

— Hum, isso tudo é culpa sua! *Você* fez essa merda comigo. Sabia disso, sua vadia rica? Sabia que ele estava comendo uma puta enquanto bancava o príncipe encantado?

Encarei a esposa de Miguel, que jogada aos pés da cama, lutava contra as dores e se debatia no sangue que havia entre as suas pernas. Apontei a arma na direção de sua barriga.

— NÃO! Por favor, não faça isso, por favor, não faça... Eu não tenho culpa de nada. — Implorou.

— Eu não ligo. Você tem essa vida perfeita, filhos e dinheiro. Por que eu teria pena de você? — balancei a arma com a mão, nervosa. Eu estava completamente cega sobre aquela situação e tinha noção disso. Eu não tinha mais nada a perder. — Não é nada pessoal. Só quero que ele sofra um pouco.

Apontei a arma para sua cabeça e disparei. Meu corpo sentiu o impacto do disparo. A poça de sangue que escorria pelo chão aumentava.

— Mamãe? — ouvi a voz sonolenta. Essa confusão devia ter acordado ela, a menina devia ter entre seis ou sete anos de idade. Ela era linda, e provavelmente seria alguém de sucesso, se o pai não tivesse feito tanta merda.

— Acordei você, mocinha? — perguntei escondendo a arma atrás de mim. Ela carregava um ursinho branco abraçado ao corpo.

— Não, Maria... Não faça isso, ela é só uma criança... — Miguel implorou com a voz fraca.

— Eu também era só uma criança quando me tiraram tudo, sabe? — sorri e caminhei em direção a menina. Passei a mão em seus cabelos loiros, cobrindo os lindos fios com o sangue do pai. A garotinha tremia e eu sabia que ela não era culpada de nada, mas eu não me importava. Eu estava vazia por dentro, não sentia nada além de ódio e rancor.

— Vai ficar tudo bem. Agora, você vai tirar um sono gostoso e vai encontrar sua mãe. — sorri com carinho para ela. A garotinha começou um choro silencioso, com medo. — Não precisa ter medo... Vire de costas, *mi chiquilla*.

— Não, por favor... — Miguel implorou novamente. Cocei a cabeça irritada e encarei ele.

— CALE A PORRA DA BOCA! Você está me atrapalhando.

Apontei a arma em direção a cabeça da garotinha e disparei. Meu ombro sentiu o impacto do tiro, mas eu não me importava com a dor. O sangue jorrou nas paredes, e sujou seu ursinho

branco enquanto seu corpo caía sobre o chão. Olhei sorridente na direção de Miguel.

— Olha o que você me fez fazer... Tsc, tsc. — Passei a mão no rosto limpando o sangue.

Coloquei a arma sobre a cômoda perto da porta do quarto e peguei a faca do chão. Fui em direção ao corpo da esposa dele, ergui a camisola de seda e cortei a barriga de forma aleatória até conseguir chegar no feto que ela carregava. Sorri quando o tirei de dentro dela e o segurei em meus braços. Ele era estranho, ainda não estava completamente formado e agora estava morto. Caminhei, ficando de joelhos na frente de Miguel, segurei o feto morto em meus braços perto de seu rosto.

— Poderia ser nossa criança, sabia? Mas você não foi legal, Miguel. Você não foi nada legal comigo. — Cantarolei uma canção de ninar que a minha mãe cantava pra mim, admirando a criatura que segurava — Então, como eu poderia ser legal com você?

— VOCÊ É DOENTE! Sua maluca do caralho!

— É. — sorri enquanto acariciava o rostinho deformado do feto e o embalava em meus braços. — Talvez eu tenha herdado mais do meu pai do que poderia imaginar. Eu sempre via ele em seu estado de raiva cega direcionado a minha mãe e a mim, e pensava o que poderia levar alguém a agir daquela maneira. Agora eu sei, Miguel.

Coloquei o feto ao seu lado e vi seus olhos arregalados em total pavor. Peguei a arma da

cômoda e apontei em sua direção. Minha visão turva com as lágrimas, eu odiava um dia ter amado esse homem.

— Desejo, profundamente, me esquecer que um dia me entreguei a você. Dei meu coração e minha alma, e você jogou fora como se não valessem nada. É saboroso demais saber que perdeu tudo o que escondeu de mim. Agora, você tem uma esposa morta e não tem filhos, porque eu os matei. — Coloquei o dedo no gatilho. — Te encontro no inferno, *meu anjo*.

Puxei o gatilho até as balas acabarem. Joguei a arma longe de mim e caí no chão chorando. O sangue tinha sujado o vestido bonito que tinha colocado para encontrar com ele e meu cabelo estava uma bagunça. Nesse momento, nada mais importava.

Eu havia sido consumida pela ira e *rezava para Deus perdoar os meus pecados.*






A *ira* é derivada de sentimentos instintivos de quando somos atacados. Esse pecado capital é uma desordem que estabelece o exagero daquilo que é próprio do ser humano, isto é, proteção e autodefesa.

Considerada uma necessidade de reações violentas provocadas por um sofrimento ou contrariedade física e/ou moral. Nessas circunstâncias, a pessoa se sente impulsionada a descarregar sua raiva em manifestações físicas ou de maneira silenciosa.

# AGRADECIMENTOS

Escrever finais trágicos é uma das coisas mais belas que gosto de fazer, então, obrigada por ter chegado até aqui, talvez não tenha sido tão fácil. Leitores, eu sou realmente muito grata por vocês terem confiado que a senhora Crê escreveria algo que vocês iriam desejar tanto ler. Aproveita e vem surtar na minha DM (@emmasgrey) ♡

Eu quero muito agradecer aos amigos que o mundo literário me deu: Maria Eduarda, Izabelly, Paulo Renato, Debora Luisa e Zoe Equis, vocês são tudo de bom que eu poderia ter desse meio e sou muito grata pela amizade e amor que vocês têm por mim.

Izabelly e Debora Luisa, vocês duas sabem que a família De La Cruz existe por insistência de vocês para verem meus meninos e meninas ganhando vida, saber que vocês acreditam tanto em mim, me motiva todos os dias. Zoe, você sempre pega na minha mão para me ver brilhar, e isso que é incrível em você, obrigada por ser minha madrinha na escrita, você é foda!

Ana Laura, minha revisora, eu agradeço aos céus por você ter me encontrado e ter embarcado comigo nas profundezas do que vou começar a escrever. O seu trabalho é absurdo, você respeitou minha criatividade e minha essência no conto e eu não poderia ser mais grata! Estou completamente apaixonada no seu trabalho, espero que continue segurando a